

POÉTICA VISIONÁRIA-PSICODÉLICA – ConfrontAÇÕES
VISIONARY-PSYCHEDELIC POETICS – ConfrontACTIONS

José Eliézer Mikosz / UNESPAR

RESUMO

Este trabalho traz uma retrospectiva sucinta de minha poética, aproveitando o mote das ConfrontAÇÕES, que se manifestou em meus trabalhos como forma contínua de “táticas de resistência”, tal como disposto na apresentação do tema no Edital de Abertura do 27º Encontro Nacional da ANPAP. Evidencio aqui uma busca por um imaginário e simbólico anterior ao meu ingresso na Faculdade de Belas Artes, os preconceitos encontrados nessa altura e, mais tarde, minha investigação das poéticas visionárias durante o doutoramento, concluindo com um retorno simbólico a esse imaginário anterior, através de uma pintura realizada no pós doutoramento em Lisboa, inspirado em um desenho meu realizado aos 15 anos de idade.

PALAVRAS-CHAVE: poéticas visionárias; pintura; psicodélico; surrealismo; imaginário.

ABSTRACT

This paper presents a brief retrospective of my poetics, taking advantage of the motto of Confrontations, which manifested itself in my work as a continuous form of "resistance tactics", as set forth in the presentation of the theme in the Opening Announcement of the 27th ANPAP National Meeting. Here I seek a search for an imaginary and symbolic before my entrance to the Faculty of Fine Arts, the prejudices found at that time, and later, my investigation of the visionary poetics during the doctorate, concluding with a symbolic return to my previous imaginary, through a painting done in postdoctoral studies in Lisbon, inspired by a drawing of mine at the age of 15.

KEYWORDS: *visionary poetics; painting; psychedelic; surrealism; imaginary.*

Desde o doutoramento (2005-2009) busco realizar investigações interdisciplinares dentro da produção de representações visuais inspiradas em Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC). No presente trabalho serão descritas algumas situações que me levaram, ao longo da vida, a esses interesses.

A construção de uma poética descrita pelo próprio artista está dentro de um método autoetnográfico¹ que valida a narrativa poética do artista. Alguns dados históricos, documentos, situações e lembranças, podem estar apenas na memória e em posse do autor, facilitando visões críticas e a compreensão mais ampla da gênese dos trabalhos, o que, por si só, já justifica a ética desse tipo de abordagem. Passamos assim a um breve descritivo do que me parece relevante na experiência desse meu processo poético.

O Início

Crianças costumam ter amigos imaginários, conversar sozinhas como se estivessem acompanhadas. Quando adultos dificilmente se lembram desses amigos. Porém, algumas visões que tive por volta dos cinco anos de idade, fazem partes das minhas recordações visuais ainda presentes. Como exemplo, descrevo aqui uma delas:

Aconteceu de noite após eu ter sido acordado por causa de zumbidos, provavelmente de mosquitos. Ao olhar em direção à porta, vi um boneco de neve parado no corredor, observando estático para dentro do quarto onde eu estava. Apesar de algo assustador, levantei e fui até lá. Nesse corredor havia uma máquina de costura com vários carretéis de linhas coloridos. Comecei a brincar com eles e devo ter feito, sem intenção, uma maçaroca de fios. Ao caminhar, essa maçaroca grudada na meia, andou junto, dando a impressão de algum bicho pulando em minha direção. Por causa dos meus gritos de medo, meu pai se levantou e foi me buscar, me colocando na cama entre o casal. Ao apagar a luz, no local da chave interruptora, apareceu um pequeno anão com um sombrero estilo mexicano e dançava alegremente com as mãos na cintura como se estivesse se exibindo para mim. Chamei a atenção de meus pais pedindo para pegá-lo. Meu pai se levantou e acendeu a luz, o anão então sumiu, ao apagar ele apareceu novamente. Isso deve ter se repetido algumas vezes até que adormeci. No dia seguinte eu lembrava de tudo e quis abrir todos os interruptores de luz da casa para encontrar o tal anão, contando com a paciência de minha mãe que ajudou nessa frustrante e inútil busca.

Quanto ao aparecimento do boneco de neve não nos recordamos de nenhuma situação em particular que pudesse ter favorecido essa visão, já a do anão pode ter sido reflexo de sobre-excitação devido ao medo provocado pela maçaroca de fios

que pareceu um bicho ameaçador, sendo o medo um meio possível de provocar visões.² Lembro de ter encontrado, anos mais tarde, na Enciclopédia Trópico, a imagem de um boneco de jardim junto a um cacto que se parecia muito com essa visão, porém não tenho meios de saber se havia entrado em contato com essa enciclopédia na época da visão.

Devido a inúmeras dessas visões fui levado muito novo a psicólogos e neurologistas. Aos sete anos fui submetido a um primeiro EEG (Eletroencefalograma), aos onze uma última vez no período da infância “evidenciando sinais de foco irritativo profundo de projeção predominante nas áreas fronto-temporais esquerdas”. Talvez, esse foco irritativo, favorecesse as visões, nunca foi confirmada essa hipótese, mas parecia ser a única relação possível. Mais tarde, nas mesmas Revistas Planeta que colecionávamos e que serviram de inspiração para meus trabalhos pelos temas e ilustrações presentes nas edições, encontramos uma reportagem sobre o famoso médium brasileiro – Chico Xavier –, onde mostrava uma análise do seu EEG durante estado de transe mediúnico em que seu lobo temporal esquerdo também entrava em atividade “anormal”.³ Podemos assim pelo menos confirmar a suspeita de que esses padrões de ondas cerebrais, de alguma forma, abriam um acesso ao inconsciente de modo um pouco mais intenso do que o cérebro em seu funcionamento ordinário. Por mera curiosidade, EEG realizado por mim em 2014 teve laudo normal.

Outro fator, além das visões na infância, que está ligado a outros tipos de visões e o interesse por elas, são os escotomas cintilantes da aura de enxaqueca. Estudada pelas ciências médicas ainda é uma idiopatia. Oliver Sacks, pesquisador, neurologista e escritor, possui um livro chamado – *Enxaqueca*⁴ – onde discorre sobre essa enfermidade. Sabe-se que ela está associada ao equilíbrio de serotonina no cérebro. Ao contrário do senso comum, a enxaqueca nem sempre significa a existência de fortes dores de cabeça. Minhas crises iniciaram aos onze anos de idade, primeiramente apareciam pequenos pontos luminosos, similares aos que acontecem quando um reflexo do sol atinge os olhos através de um vidro ou espelho, criando uma pós-imagem luminosa na retina. Esse ponto vai aumentando de tamanho e se fragmenta em padrões fractais multicoloridos formando um semicírculo micro pulsante, com uma sensação de formigamento e, em seu interior, aparece uma área cega. Esse círculo vai aumentando até que se dilui

desaparecendo após 15 ou 20 minutos. Após a visão dos escotomas cintilantes, havia um intervalo sem sintomas, porém, minutos depois, iniciavam dores extremamente fortes no fundo dos olhos. Dor essa tão grande que provocava vômitos e um forte mal estar físico geral. A frequência das crises era de duas ou três vezes por ano. Apesar de continuar tendo crises de enxaqueca que podem surgir depois de períodos de tensão ou negação psicológica, abuso de alimentos ricos em serotonina como chocolate, queijo, odores fortes específicos, conflitos e situações afetivas ambíguas, entre outros, nunca mais tive dores, raramente uma leve no fundo dos olhos e uma sensação de haver perdido energia, como ficar sem dormir uma noite, tipo uma ressaca, mas nada além disso. Durante a crise, há uma sensibilização geral dos sentidos que lembra o uso de certos psicoativos como percepção musical intensificada, olfato muito sensível, fotofobia, entre outros. Todos esses elementos interferem diretamente em meu processo criativo.⁵

Breve Retrospectiva

O interesse em pintar e desenhar me foi comum como para a maioria das crianças. Lembro de três situações que me levaram, por volta dos 4 anos, a essa atividade: [1] as aulas livres de pintura que minha mãe fazia na *Escola de Música e Belas Artes do Paraná*, na qual me formei e leciono atualmente, com o artista e professor Guido Viaro, onde ela me levava junto; [2] o achado de uma aquarela perdida na mesma cômoda onde eram guardados sapatos, lembro-me do encantamento com as pastilhas coloridas coladas sobre a paleta de cartolina branca; [3] também os pequenos bloquinhos de papel jornal que eram utilizados para realizar “jogos-do-bicho” no bar de minha tia Zelinda, irmã de minha mãe. Ainda possuo essas pinturas e abaixo está reproduzida uma delas. Aos 6 anos de idade, depois de conhecer, na casa de uma prima, tintas a óleo e também me encantado pelas cores, texturas, cheiros, os tubos em si, meus pais me deram um conjunto dessas tintas, além de solventes como terebintina, pincéis e duas telas onde pintei quadros abstratos, talvez mais pelo desejo de mexer com as tintas do que reproduzir algo. Ainda possuo essas pinturas.

Minha mãe se referia à pintura abaixo como o “sapo de chapéu”, porém, baseado na experiência infantil acima relatada e do não respeito pelas cores naturais de outros objetos que representei na época – árvore preta, homem amarelo –, pode ter sido uma tentativa de reprodução da visão do anão dançarino com sombreiro, o contorno

em vermelho pode ser a representação da caixa do interruptor de luz onde o anão foi visto, sendo assim, esse pode ser o primeiro registro de uma atividade visionária:



Figura 1: Antar Mikosz (1956-). Sapo ou anão?, ≥ 1960. Aquarela sobre papel jornal, 7 x 5 cm. Acervo do Artista.

Na infância e na pré-adolescência boa parte dos trabalhos eram inspirados em desenhos animados assistidos na TV. Costumava ficar em frente à televisão sentado no tapete desenhando e pintando por horas sobre a mesinha de centro.

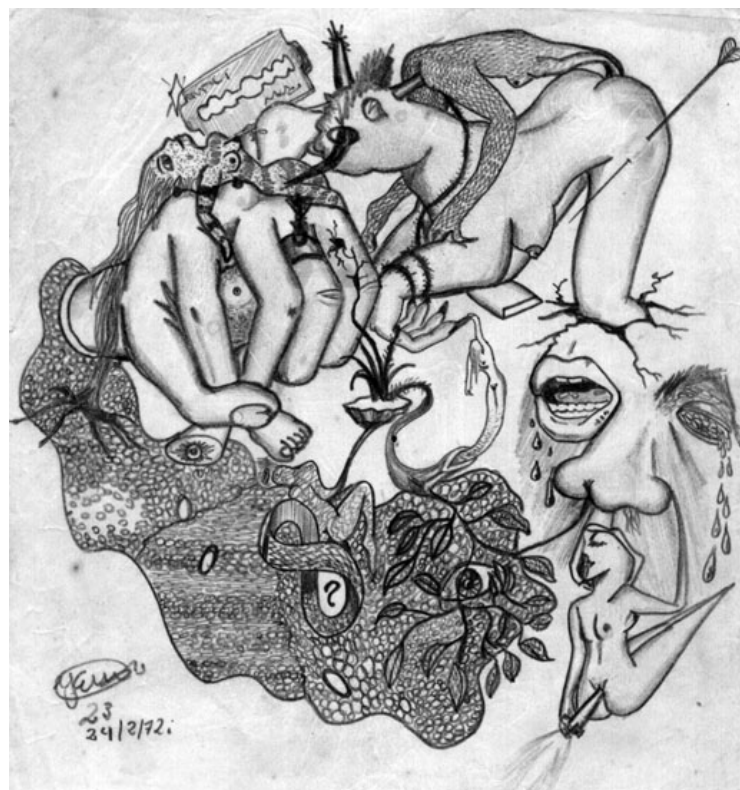


Figura 2: Antar Mikosz (1956-). Sem título, 1972. Grafite sobre papel, 21 x 29 cm Acervo do Artista

(Obs: Desenho realizado aos 15 anos de idade e escolhido para ser pintado durante o pós-doutoramento).

Durante a adolescência tive contato maior com trabalhos que influenciaram fortemente meu imaginário como as edições iniciais da Revista Planeta, quando ainda eram vendidas em formato de livretos encadernados e quadrados. Porém, a primeira edição da revista ocorreu apenas em setembro de 1972 e existem trabalhos meus anteriores com representações de sonhos, ilustrações místicas, esotéricas e surrealistas.

Em relação aos desenhos percebe-se a força que a presença do elemento feminino, tanto por seu lado erótico, misterioso, quanto como por suas projeções da anima junguiana, foram importantes na construção do meu imaginário como um todo. Muitos trabalhos dos anos 1970 vinham inspirados por ideias comuns da época como as preocupações dos hippies com o meio ambiente e do “rock pauleira” de bandas como o Black Sabbath que, em seu álbum *Master of Reality*, especialmente na música *Into the Void*, sinalizava a depredação do planeta pela poluição, miséria, medo, ódio e suicídio.

Depois de desistir de cursar medicina ao terminar o segundo ano na *Universidad Nacional del Nordeste* na cidade de Corrientes na Argentina, continuei a trabalhar com ilustração e arte final como meio de subsistência. Sabendo que seria conveniente cursar uma universidade, 4 anos depois optei pelo Curso Superior de Pintura da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Ao iniciar as disciplinas notei que minha abordagem surrealista e simbólica não eram bem aceitas, apesar de que, nas aulas em si, pela facilidade já adquirida em desenho e pintura anteriormente, pude me adaptar ao que era exigido. Havia um professor, Ivens Fontoura, que conhecia meus trabalhos antes da faculdade e conversamos uma vez sobre isso. Estava se aproximando o *Salão para Novos de 1982* e eu estava interessado em participar. Mostrei ao Ivens desenhos que eu fazia regularmente e outros que fiz inspirados nas tendências que pude observar na época. Ele comentou que sabia sobre meu gosto ao surreal e simbólico, mas que isso dificilmente teria vez nos salões, mas que os desenhos novos a grafite, figuras bem humoradas de “louquinhos”, teria mais chance. Sendo assim, os enviei. O prêmio em desenho no *Salão para Novos de 1982* foi meu. Seguiu-se mais um prêmio na *2ª Mostra do Mini-Quadro do Clube Sírio Libanês* de Curitiba com outros desenhos do mesmo personagem. Porém eu não estava satisfeito, não seria um *modus operandi* que me agradaria seguir essas tendências. Saindo da faculdade não me interessei mais por

participar de salões de arte e continuei trabalhando com ilustração. Convencido pelas experiências de que o simbólico não tinha mais tanto valor no mundo contemporâneo, resolvi trabalhar um tempo com nus artísticos, apostando ainda na habilidade pessoal e no tema que servia como catarse da minha “anima junguiana” e fantasias. Alguns elementos simbólicos podiam estar presentes, mas eram apenas fundo agora.



Figura 3: Antar Mikosz (1956-). Sem título, 1986. Óleo sobre tela 70 x 50 cm.
Acervo do artista

Buscas Contemporâneas

A partir das pesquisas iniciadas em 2003 quando ingressei na UDV (União do Vegetal), motivadas pelas minhas experiências com a ayahuasca e sua dimensão visual, iniciei uma busca específica por artistas que também produziam suas obras inspirados em *estados não ordinários de consciência*. Me chamava a atenção repetições de padrões e certas distorções encontradas nas pinturas. Nessa busca acabei encontrando um pesquisador, o professor Luis Eduardo Luna, muito conhecido por suas pesquisas sobre ayahuasca e que havia editado um livro junto com o pintor Pablo Amaringo chamado *Ayahuasca Visions: The religious Iconography of a Peruvian Shaman*. O professor Luna veio a ser o orientador principal de minha tese de doutoramento *Arte Visionária e Ayahuasca – Visões de Espirais e Vórtices nos Estados Não Ordinários de Consciência* (ENOC) (2005-2009), apesar de constar como co-orientador pelo fato de ser professor externo ao programa de pós graduação.

As experiências me lembravam situações parecidas vividas na infância, o que me atemorizou inicialmente. Através delas, mais intensamente, algumas distorções e contrastes de cores eram buscados para reproduzir em meus trabalhos. Mesmo difícil de reproduzir as visões, tais como elas se apresentam durante a experiências com a ayahuasca, alguns resultados foram aparecendo. Sensações fortes de estar em um outro ambiente como uma caverna, aconteceram algumas vezes, então criei algumas pinturas inspiradas nessas visões e sensações. Os padrões, apesar de que muitas vezes parecerem simétricos, outras parecem como que projetadas sobre objetos e pessoas, o que me fez pensar que, talvez, muitas das pinturas corporais indígenas tiveram a mesma inspiração desde antiguidade remota. Desse momento em diante me senti muito a vontade em continuar a fazer imagens tais como eu as sentia desde a infância, pois as experiências com os ENOC recuperaram um canal anteriormente fechado. Os movimentos visionários e psicodélicos eram um nicho natural onde eu me encaixava. Muitos desses trabalhos foram realizados pensando na possibilidade de serem vistos com um óculos que acentua a profundidade das cores chamado *Chromadeph*, dando a ilusão de três dimensões na pintura, mas muitos trabalhos acabaram dando essa sensação tridimensional mesmo sem uso deles.



Figura 4: Antar Mikosz (1956). Padrões entópticos, 2011. Óleo sobre tela, 70 x 50 cm.
 Acervo do artista

(OBS: Alguns padrões lembram a sensação visual que ocorre com os olhos sendo pressionados com os dedos ou dos *escotomas cintilantes* da aura de enxaqueca.

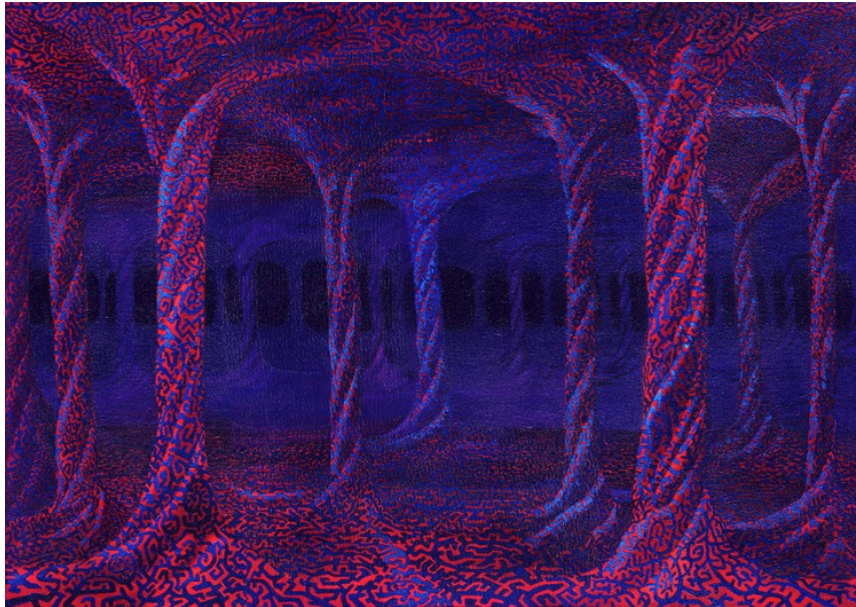


Figura 5: Antares Mikosz (1956-). The Cave, 2009. Óleo sobre tela. 50 x 70 cm.
Acervo Wasiwaska.

Em 2012 participei do *Visions in the Mischtechnik Seminar*⁶ em Torri Superiori na Itália junto com os professores e artistas Maura Holden (EUA), Amanda Sage (EUA), Andrew Gonzalez (EUA), Laurence Caruana (AU), Timea Talien (HUN), Daniel Mirante (GB), Kuba Ambrose (AU) entre outros. Apesar de não haver uso de materiais específicos de pintura para arte visionária, a técnica mista de têmpera ovo e velaturas com tinta a óleo se popularizou bastante a partir das pesquisas do grupo de artistas do Realismo Fantástico:

Esse grupo de artistas era formado por estudantes do professor Albert Paris Gütersloh, na Academia de Artes Plásticas de Viena. Foi a ênfase que Gütersloh dava às técnicas dos velhos mestres que deu aos pintores do Realismo Fantástico a base realista nos trabalhos (expressado com uma clareza e detalhe que alguns compararam à pintura flamenca inicial), combinado com o simbolismo religioso e esotérico. Além da influência dos velhos mestres, o Realismo Fantástico mostra afinidade com os trabalhos de artistas do Simbolismo e uma continuação das ideias e da estética do Surrealismo. Inclui os seguintes nomes: Ernst Fuchs (1930), um dos mentores do grupo; Rudolf Hausner (1914-1995); Wolfgang Hutter (1928); Fritz Janschka (1919); Arik Brauer (1929); Anton Lehmden (1929).⁷

A técnica mista ou *Mischtechnik* – nome adotado da língua alemã – trabalha com têmpera ovo branca e tinta a óleo em camadas de velaturas coloridas. As velaturas são usadas para criar tonalidades baseadas na refração da luz entre as camadas de tinta. Se, por exemplo, a intenção é trabalhar com uma tonalidade verde, pode-se

usar uma camada inicial amarela e, sobre esta quando seca, camadas finas diluídas em óleo da cor azul. Dessa forma a cor verde é conseguida pela combinação das cores por transparência, o que dá um brilho e profundidade maior de cor do que se fossem misturadas as tintas amarela e azul diretamente como na técnica de pintura “*a la prima*”. Há vários seminários sobre essa técnica que acontecem mundialmente: o *Mischtechnik Seminar* em Torri Superiori supracitado sob a coordenação do Diretor da Academia Vienense de Arte Visionária – Laurence Caruana e outro itinerante coordenado por Philip Rubnov Jacobson, ambos antigos discípulos de Ernst Fuchs.⁸

Como a arte visionária-psicodélica não tem uma especificidade além de retratar estados não ordinários de consciência, qualquer técnica pode ser usada. Muito artistas fazem pinturas ao vivo em festivais de música eletrônica, sendo, nesse caso mais adequado o uso da tinta acrílica pela velocidade de secagem. Outros recorrem ao computador que, além de não ter os problemas com domínio das técnicas de pintura com tintas, podem trabalhar com simulações de luzes que remontam muitas vezes experiências originais de ENOC, além de ser possível acrescentar animações, tornando ainda mais interessante os resultados das imagens. Mas, nada disso impede o prazer e o interesse que a pintura ainda exerce em quem as vê e as faz de modo tradicional.

Adiante pinturas que fizeram parte da exposição *INNER VISIONS: Sacred Plants, Art, and Consciousness* realizada na *St. Laurence University* na cidade de Canton, NY, EUA de outubro a dezembro de 2016.⁹ A pintura *The Gateway* participou também da *Primeira Mostra Internacional de Arte Visionária* em 2013 na cidade de Campinas, SP, Brasil. A pintura *Quam Spelunca et Voluptatum* participou da *Segunda Bienal de Cultura Psicodélica* na cidade de Campinas-SP- Brasil no ano de 2015, onde foram realizadas vídeo e áudio performances sobre ela pela Vj Ana Lopes.

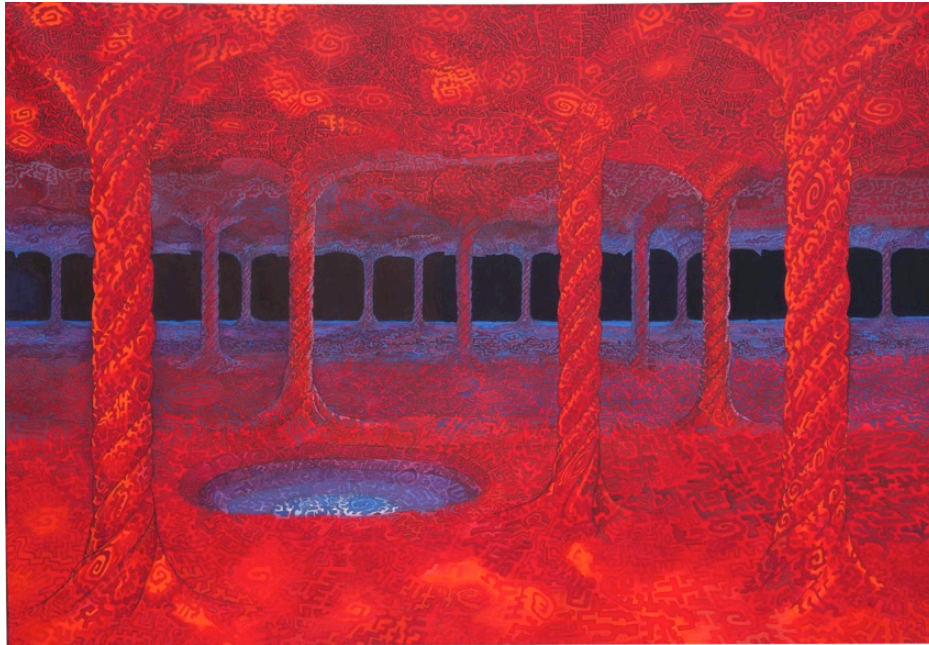


Figura 6: Antar Mikosz (1956-). *The Gateway*, 2013. Técnica mista Acrílica e Óleo sobre tela, 130 x 190 cm. Acervo AVAM (American Visionary Art Museum, Baltimore, Maryland, EUA)

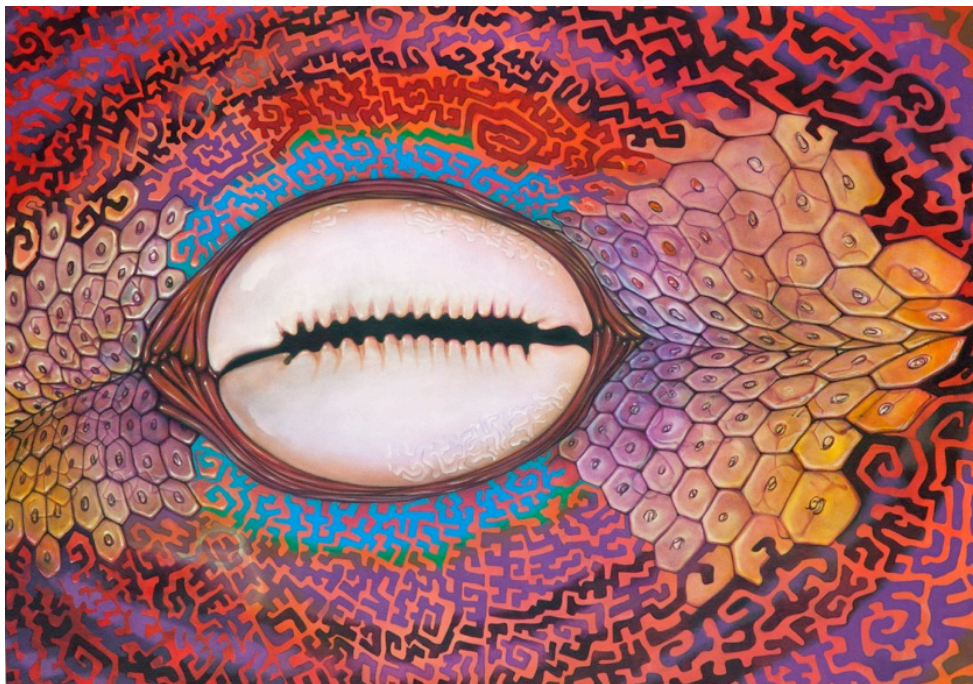


Figura 7: Antar Mikosz (1956-). *Quam Spelunca et Voluptatum*, 2014. Técnica mista acrílica e óleo, 70 x 100 cm.

Acervo do artista

(OBS: Participou da Bienal de Cultura Psicodélica na cidade de Campinas em 2015, em Canton 2016 e em uma individual em Lisboa em Julho de 2018).

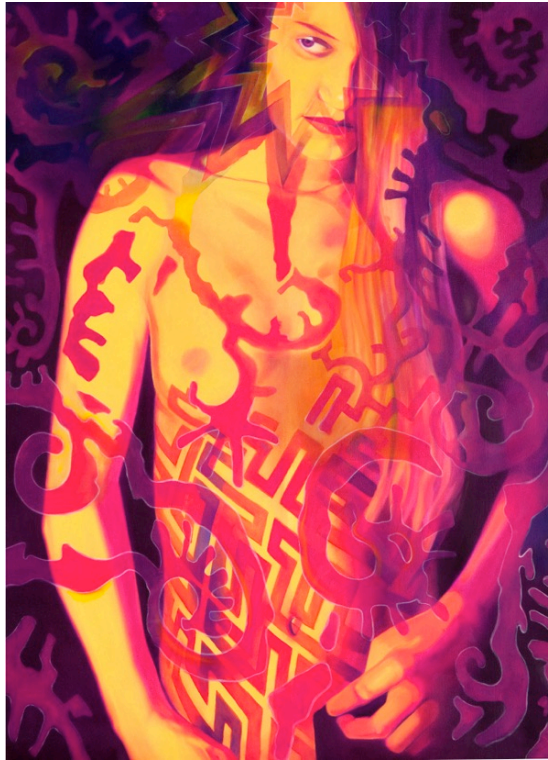


Figura 8: Antar Mikosz (1956-). *Sacred Visions*, 2009/20161. Óleo sobre tela, 30 x 93 cm.
Acervo do artista

(OBS: Exibido na coletiva *INNER VISIONS: Sacred Plants, Art and Spirituality* na St. Lawrence University, Canton-NY, de 24 de Outubro a 10 de Dezembro de 2016).

Os trabalhos a seguir fazem parte do processo do pós-doutoramento realizado na cidade de Lisboa em Portugal durante o ano de 2017. A pintura *Trimegistus* é uma metáfora do axioma “Aquilo que está em cima é como aquilo que está embaixo, aquilo que está embaixo é como aquilo que está em cima”¹⁰ se referindo ao micro e macrocosmo, ao homem (microcosmo), a medida de todas as coisas. Não procurei referências, uma vez que se trata de uma criação artística livre, fantasiosa. Os cogumelos, por várias características desse fungo, nem animal, nem vegetal, possuindo substâncias psicoativas importantes, podem até mesmo ter inspirado o surgimento de muitas religiões pelo planeta. Ele também cria verdadeiras redes de comunicação subterrâneas com árvores e plantas nas florestas, e ainda têm sua lenda particular: seriam seres alienígenas. Do mesmo modo obviamente, os óvnis (objetos voadores não identificados) são pilotados por seres extraterrestres, se encaixando perfeitamente dentro do axioma hermético.¹¹



Figura 9: Antar Mikosz (1956-). *Trimegistus*, 2017. Técnica mista acrílica e óleo, 70 x 50 cm.
Acervo do artista

(OBS: O trabalho faz parte das pinturas desenvolvidas no pós-doutoramento).

A pintura batizada como *Conventibus Contingere* é uma releitura pintada de um desenho realizado aos 15 anos de idade com imagens de seres diversos, surreais, em atitudes sexuais que são, na verdade, desconexas, sem contato verdadeiro. A mão com os dedos se transformando em pernas, também é bastante comum na obra de outros artistas. Na época, 1972, eu não havia visto alguma imagem similar, associando unicamente com o desenho sugestivo dos próprios dedos, mas, por exemplo, na obra de Cruzeiro Seixas *Rien N'est Trop Beau* a ideia segue com a mesma inspiração. A pintura *Mysterium Coniunctionis* fez parte das três que me propus a pintar durante meu período em Lisboa. É uma representação com a ideia da integração dos opostos como o título de um livro de Jung. Essa integração é representada na forma de união sexual de natureza cósmica, universal. As figuras fálicas tem o formato do *Banisteriopsis caapi*, cipó usado na decocção da ayahuasca, e a pintura possui padrões entópticos projetados por toda a tela.¹²

Considerações Finais

A principal observação que posso fazer sobre meu processo criativo, constatado já durante graduação, é ver a possibilidade de se colocar no mundo artístico de diversas formas, inclusive como profissional que não necessariamente procura impor sua forma de expressão pessoal (e até ganhar prêmios por isso). Desisti por um tempo até que sincronicidades me levaram a um retorno às experiências da minha infância. Minha resistência se dá em insistir em um mundo interior, criar portais para esse mundo inconsciente, arquetípico e trazer sua estética em pinturas. O ser humano não deixará de sonhar, não perderá seus símbolos e arquétipos por mais movimentos e conceitos inovadores surjam no mundo das artes. Poderá inovar seguindo seu meio cultural ou tentar seguir seu imaginário mais bruto,¹³ sem tanta influência do *mainstream*. Ao iniciar minhas pesquisas pude encontrar um grande número de artistas, pesquisadores, universidades, museus, dedicados a esse mesmo tipo de exploração em vários países europeus e americanos, dando a resposta de não estar sozinho nessa busca na contemporaneidade, tão plena de outros caminhos e linguagens.



Figura 10: Antar Mikosz, (1956-). *Somnum exterreri solebat desideriiis*, 2017. Óleo sobre tela, 70 x 100 cm. Acervo do artista

(OBS: O trabalho faz parte das pinturas desenvolvidas no pós-doutorado e baseado em desenho realizado aos 15 anos. Mesmo não sendo o estilo atual das minhas pinturas foi importante como uma forma de resistência).

Notas

¹ Autoetnografia do grego: *auto* (si mesmo), *ethnos* (povo ou grupo) e *grapho* (escrita).

² MIKOSZ, 2009, p.33.

³ As imagens que mostram o resultado dos EEG foram retiradas deste trabalho por causa da limitação do número de imagens permitidas, porém se encontram em meu Relatório de pós doutoramento. Fonte: <<https://pt.slideshare.net/BrunoBartholomei/revista-planeta-julho-1973-chico-xavier-o-homem-futuro>>. Acessado 17 de abril de 2017.

⁴ Ver os dados do livro nas referências.

⁵ Há trabalhos artísticos, exposições e livros que trazem informações sobre essa modalidade de inspiração: <https://migraineagain.com/migraine-art-visual-aura/>

⁶ Seminário de pintura em Torri Superiore: <http://academyofvisionaryart.com/seminar>

⁷ MIKOSZ, 2009, p.136.

⁸ Maiores informações sobre o artista: <https://www.ernstfuchsmuseum.at/>

⁹ Site do evento: <http://www.stlawu.edu/art-and-art-history/event/exhibition-inner-visions>

¹⁰ EDINGER, 2017, p.23.

¹¹ Essa combinação de cogumelos e discos voadores é bastante comum em pinturas, muitos artistas buscam sua forma particular de interpretar esses elementos juntos.

¹² Imagem disponível em: <http://www.mikosz.com.br>: Acessado em 26 de Maio de 2018.

¹³ No sentido da Arte Bruta de Jean Dubuffet.

Referências

EDINGER, Edward F. *Anatomia da Psique - o Simbolismo Alquímico*. São Paulo: Cultrix, 2017.

LUNA, Luis Eduardo; AMARINGO, Pablo. *Ayahuasca Visions: The religious Iconography of a Peruvian Shaman*. Berkeley: North Atlantic Books, 1999.

MIKOSZ, José Eliézer. *Arte Visionária e Ayahuasca – Visões de Espirais e Vórtices nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)*. Tese (PPGICH-UFSC – Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas), 2009.

MIKOSZ, José Eliézer. *Arte Visionária – Representações Visuais Inspiradas nos Estados Ordinários de Consciência (ENOC)*. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

SACKS, Oliver. *Enxaqueca*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

José Eliézer Mikosz

Artista transmídia, professor associado e pesquisador da Unespar Campus de Curitiba I (Embap). Pós Doutor em Ciências da Arte e do Patrimônio pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (Fbaul). Doutor pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UFSC). Editor da *Revista Internacional Interdisciplinar em Artes Visuais Art&Sensorium*. Conselheiro do Centro Internacional de Pesquisas em Plantas Psicointegradoras, Arte Visionária e Consciência (WASIWASKA).